

# SERMÃO PROFÉTICO DO DOMINICANO ANTÔNIO MONTESINOS EM DEFESA DOS ÍNDIOS

*Os primeiros dominicanos chegaram em 1510 à ilha Espanhola. Até fins de 1511 tinham chegado três grupos de dominicanos em Santo Domingo e a comunidade local compreendia 18 frades. A prática missionária de um só ano foi suficiente para reconhecerem que o maior obstáculo para conversão e catequese dos índios não era sua idolatria, mas a injustiça praticada contra eles. Não o índio pagão, mas o colonizador cristão estava em pecado mortal. Naquele memorável 4º Domingo de Advento, os dominicanos convidaram o governador Diego Colombo, os oficiais do Rei e os juristas letrados para a sua Igreja de palha. Montesinos era apenas porta-voz de sua comunidade religiosa que em conjunto tinha preparado e assumido o sermão e suas conseqüências.*

## **Santo Domingo, 4º Domingo de Advento, 1511**

Tendo chegado o domingo e a hora de pregar, subiu a púlpito o sobredito padre Frei Antônio Montesinos, tendo como tema e fundamento de seu sermão, que já levava escrito e assinado pelos demais: *Ego vox clamantis in deserto*. Tendo feito sua introdução e dito algo referente à matéria do tempo do advento, começou a exaltar a esterilidade do deserto das consciências dos espanhóis desta ilha e a cegueira em que viviam; o grande perigo que corriam de sua condenação, não dando atenção aos pecados gravíssimos em que com tanta insensibilidade estavam continuamente mergulhados e neles morriam. Em seguida volta a seu tema, falando assim: "Para vo-lo dar a conhecer, subi aqui, eu que sou voz de Cristo no deserto desta ilha, e por isso convém que com atenção, não qualquer, mas com todo o vosso coração e com todos os vossos sentidos, a ouçais; a qual será a maior nova que jamais ouvistes, a mais áspera e dura, a mais espantosa e perigosa que jamais imaginastes ouvir". Exaltou esta voz por um bom tempo com palavras muito pungentes e terríveis, que lhes fazia estremecer as carnes e que lhes parecia que já estavam no juízo divino. Explicou-lhes qual era e qual o conteúdo daquela voz, de maneira tão grande e universalmente encarecida: "Esta voz, disse ele, é que todos estais em pecado mortal e nele viveis e morreis por causa da crueldade e tirania que usais com estas gentes inocentes. Dizei, com que direito e com que justiça tendes em tão cruel e horrível servidão estes índios? Com que autoridade tendes feito tão detestáveis guerras a estas gentes que estavam em suas terras mansas e pacíficas, onde tão infinitas delas, com mortes e estragos nunca ouvidos, tendes consumido? Como os tendes tão oprimidos e fatigados, sem lhes dar de comer nem curá-los em suas enfermidades em que incorrem pelos excessivos trabalhos que lhes dais e morrem, dizendo melhor, os matais, para tirar e adquirir ouro cada dia? E que cuidado tendes de que alguém os doutrine, conheçam seu Deus e criador, sejam batizados, ouçam missa, guardem as festas e domingos?" "Eles não são homens? Não têm almas racionais? Não sois obrigados a amá-los como a vós mesmos? Não entendeis isto? Não percebeis isto? Como estais dormindo sono tão profundo e tão letárgico? Tende certeza que no estado em que estais não vos podeis salvar mais do que os mouros ou turcos que não têm e não querem a fé de Jesus Cristo".

Finalmente, de tal maneira explicou a voz que antes muito exaltara que os deixou atônitos,

muitos como que fora dos sentidos, outros mais empedernidos e alguns um tanto compungidos, mas nenhum, pelo que verifiquei depois, convertido.

Concluído seu sermão, desce do púlpito com a cabeça não muito baixa, porque não era homem que quisesse mostrar temor, assim como não o tinha, nem se preocupava muito por desagradar os ouvintes, fazendo e dizendo o que segundo Deus lhe parecia conveniente. Com seu companheiro vai a sua casa de palha onde talvez não tivesse o que comer senão sopa de couve sem azeite, como algumas vezes lhes acontecia. Tendo saído, a igreja encheu-se de murmúrio, que, segundo creio, mal deixaram acabar a missa. Pode-se bem imaginar que não foi lido leitura do *Menosprecio del mundo* às mesas de todos naquele dia.

Tendo acabado de comer, não devendo ter sido muito gostosa a comida, reúne-se toda a cidade na casa do Almirante, segundo nesta dignidade e ofício real, D. Diego Colombo, filho do primeiro que descobriu estas índias, especialmente os funcionários do rei, tesoureiro e contador, feitor e vedor, e concordam em ir repreender e assustar o pregador e os outros, que o castigavam como homem escandaloso, semeador de doutrina nova, nunca ouvida, condenando todos, e que tinha falado contra o rei e seu domínio que tinha nestas índias, afirmando que não podiam ter os índios, tendo eles sido dados pelo rei, e estas eram coisas gravíssimas e irremissíveis.

Chamam à portaria, o porteiro abre, dizem-lhe que chame o vigário e aquele frade que tinha pregado tão grandes desvarios; sai só o vigário, padre venerável, Frei Pedro de Córdoba; dizem-lhe com mais autoridade do que humildade que mande chamar o que tinha pregado. Responde, pois era prudentíssimo, que não havia necessidade, que se sua senhoria e mercês mandavam algo, ele era prelado daqueles religiosos e ele responderia. Insistem muito com ele para o mandar chamar; ele, com grande prudência e autoridade, com palavras muito modestas e graves, como era seu costume falar, se escusava e desviava. Finalmente, porque era dotado pela divina Providência, entre outras virtudes naturais e adquiridas era pessoa tão venerável e tão religiosa que com sua presença mostrava ser digno de toda reverência. Vendo o Almirante e os demais que com argumentos e palavras muito autoritários o padre vigário não se convenciam, começaram a abrandar, humilhando-se, e lhe pedem que o mande chamar porque lhe querem falar estando presente e perguntar como e em que se fundamentavam para se decidir a pregar uma coisa tão nova e tão prejudicial, em desserviço do Rei e dano de todos os habitantes daquela cidade e de toda esta ilha.

Vendo o santo varão que iam por outro caminho e que moderavam o brio com que tinham chegado, mandou chamar o dito padre frei Antônio Montesinos. Maldito o medo com que veio. Sentados todos, o Almirante primeiro propõe por si e por todos sua questão, dizendo que, tendo aquele padre sido ousado em pregar coisas em tão grande desserviço do rei e dano de toda aquela terra, afirmando que não podiam ter os índios, tendo eles sido dados pelo rei, que era senhor de todas estas índias, especialmente tendo os espanhóis conseguido aquelas ilhas com muitos trabalhos e subjugado os infiéis que as tinham; e porque aquele sermão tinha sido tão escandaloso e em tão grande desserviço do rei e prejudicial a todos os habitantes desta ilha, que determinassem que aquele padre se retratasse de tudo o que tinha dito; caso não o fizesse, eles poriam o remédio que fosse conveniente.

O padre vigário respondeu que o que aquele padre tinha pregado fora parecer, vontade e consentimento seu e de todos, depois de muito bem examinado e conferido entre eles, e com muito conselho e madura deliberação se tinha decidido que fosse pregado como verdade evangélica e coisa necessária para a salvação de todos os espanhóis e dos índios

desta ilha, os quais viam perecer cada dia, sem ter deles mais cuidado do que se fossem animais do campo; eram obrigados a isso por preceito divino em primeiro lugar pela profissão que tinham feito no batismo como cristãos e depois por serem frades pregadores da verdade; achavam que nisso não estavam desservindo ao rei, que para cá os tinha enviado para pregar o que achassem que era necessário pregar às almas, para o servirem com toda fidelidade, e que tinham certeza que, se Sua Alteza fosse bem informado a respeito do que aqui acontecia e o que sobre isso eles tinham pregado, se consideraria bem servido e lhes daria as graças.

Foi de pouco proveito a fala e os argumentos dela que o santo homem apresentou em justificação do sermão para satisfazê-los e aplacá-los da alteração que tinham recebido ao ouvir que não podiam ter índios, como os tinham tiranizados, porque aquele não era caminho para que sua cobiça se fartasse; porque, tirados os índios, ficavam defraudados de todos os seus desejos e aspirações; e assim, cada um dos que estavam ali, mormente os principais, dizia, dirigido ao propósito, o que desejava. Todos concordavam que aquele padre se retratasse no domingo seguinte do que tinha pregado e chegaram a tanta cegueira que lhes disseram que, se não o fizesse, preparasse suas tralhas para embarcar e ir para Espanha. O padre vigário respondeu: "Certamente, senhores, nisso teremos muito pouco trabalho". E era certamente assim porque suas coisas não eram senão os hábitos de tecido grosseiro e muito tosco que vestiam, e umas mantas do mesmo tecido com que se cobriam de noite; as camas eram umas varas colocadas sobre forquilhas que chamam *cadalechos*; e sobre elas alguns feixes de palha; e o que era usado para a missa e alguns livros, podendo talvez caber tudo em duas arcas.

Vendo em quão pouco os servos de Deus tinham todas as espécies de ameaças que lhes faziam, tomaram a abrandar, como que pedindo-lhes que tomassem a examinar o assunto e, bem examinado, fosse moderado em outro sermão a ser dito para satisfazer o povo que ficara e estava sobremaneira escandalizado. Finalmente, insistindo muito em que fosse moderado o que fora pregado no primeiro sermão e o povo sossegado, concederam os padres, para se despedir deles e dar fim a suas frívolas importunações, que fosse assim em boa hora, que o mesmo padre frei Antônio Montesinos tomaria no domingo seguinte a pregar e voltaria ao assunto e diria, sobre o que tinha pregado, o que melhor lhe parecesse e, na medida do possível, se esforçaria em os satisfazer e tudo o que foi dito fosse explicado. Tendo combinado isto, foram embora alegres com esta esperança.

Eles, ou alguns deles, logo publicaram que tinham combinado com o vigário e os outros frades que no domingo seguinte aquele frade havia de se desdizer de tudo o que tinha dito; e não foi preciso convidá-los para ouvir aquele segundo sermão, porque não havia uma única pessoa em toda a cidade que não se encontrasse na igreja, convidando uns aos outros para que fossem ouvir aquele frade, que havia de desdizer tudo o que tinha dito no domingo passado.

Chegada a hora do sermão, tendo subido ao púlpito, o tema para fundamento de sua retratação e desmentido foi uma sentença do Santo Jó, no cap. 36, que começa: *Repetam scientiam meam a principio et sermones meos sine mendatio esse probabo*: "Tomarei a referir desde seu princípio minha ciência e verdade, que no domingo passado vos preguei e aquelas minhas palavras, que tanto vos amarguraram, mostrarei serem verdadeiras". Tendo ouvido seu tema, os mais avisados imediatamente perceberam onde ia parar, e foi muito sofrimento deixá-lo continuar. Começou a fundamentar seu sermão e a relatar tudo o que no sermão passado tinha pregado e a corroborar com mais argumentos e autoridade o que

afirmou de ter injusta e tiranicamente aquelas pessoas oprimidas e fatiga das, tomando a repetir sua ciência, que tivessem como certo não poderem se salvar naquele estado; por isso se remediassem com o tempo, fazendo-os saber que a nenhum deles confessariam, mais do que aos que andavam assaltando, e que comunicassem aquilo e escrevessem a quem quisessem para Castela; em tudo isso tinham certeza que serviam a Deus e não pequeno serviço faziam ao Rei.

Acabado o sermão, foi para sua casa, e todo o povo na igreja ficou alvoroçado, grunhindo e muito pior do que antes indignado contra os frades, considerando-se, da vã e iníqua esperança que tiveram de que o dito frade se retrataria, defraudados, como se o frade não se retratasse, a lei de Deus, contra a qual eles agiam oprimindo e extirpando estas pessoas, tivesse mudado.

fonte impressa: LAS CASAS, Bartolomé de. *Historia de las Indias (1559)*. Madrid, 1875/1876 , liv. 3, cap. 4 e 5.

SUESS, Paulo (org.). *A Conquista Espiritual da América Espanhola*. 200 documentos – Século XVI. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 407 – 411.